

Texto: Lourival Veras
Ilustrações: Nathália Forte

Categoria
III

Bento e Beatriz amor de brinquedo



Texto: Lourival Veras
Ilustrações: Nathália Forte

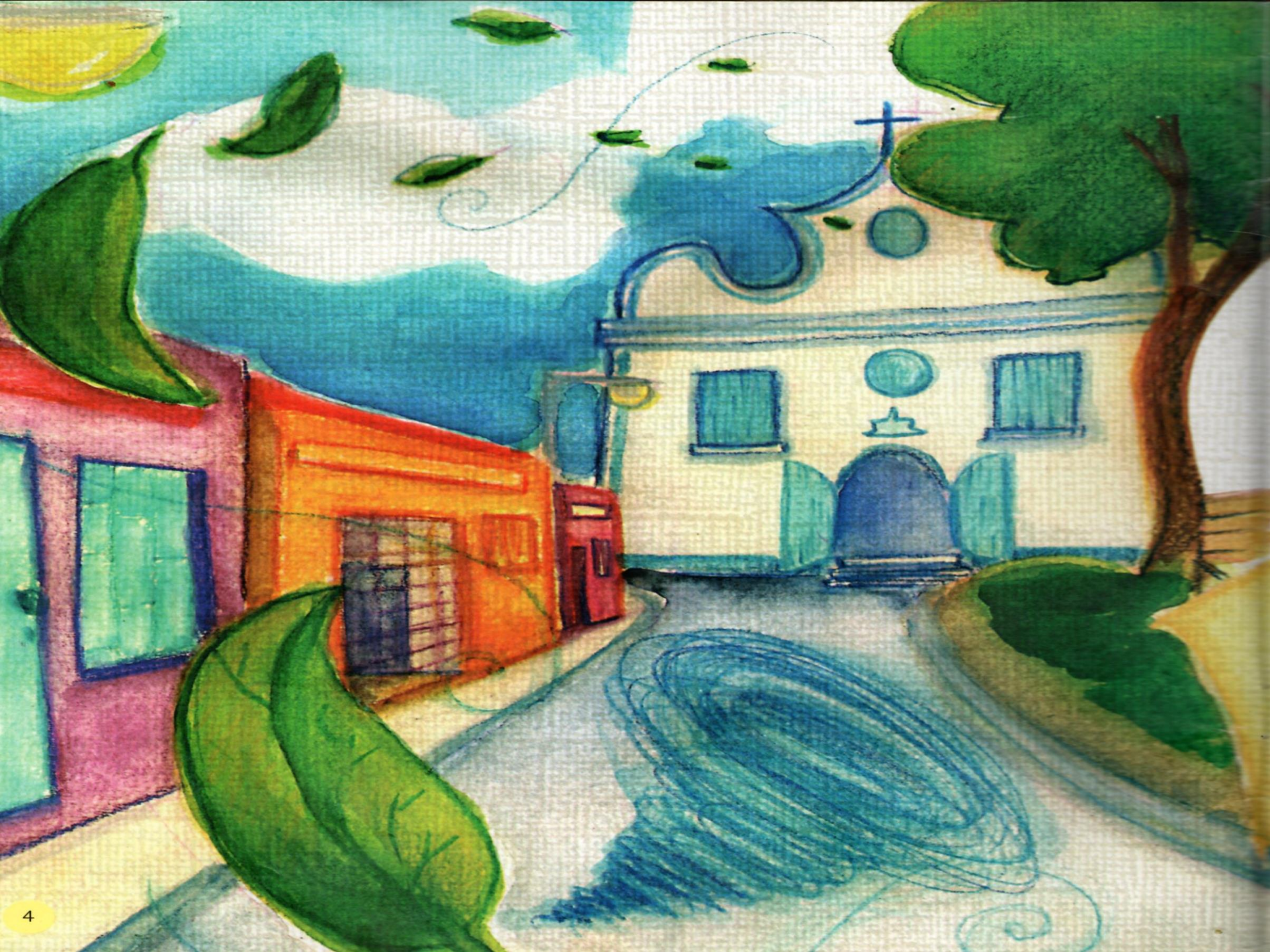
Bento e Beatriz amor de brinquedo

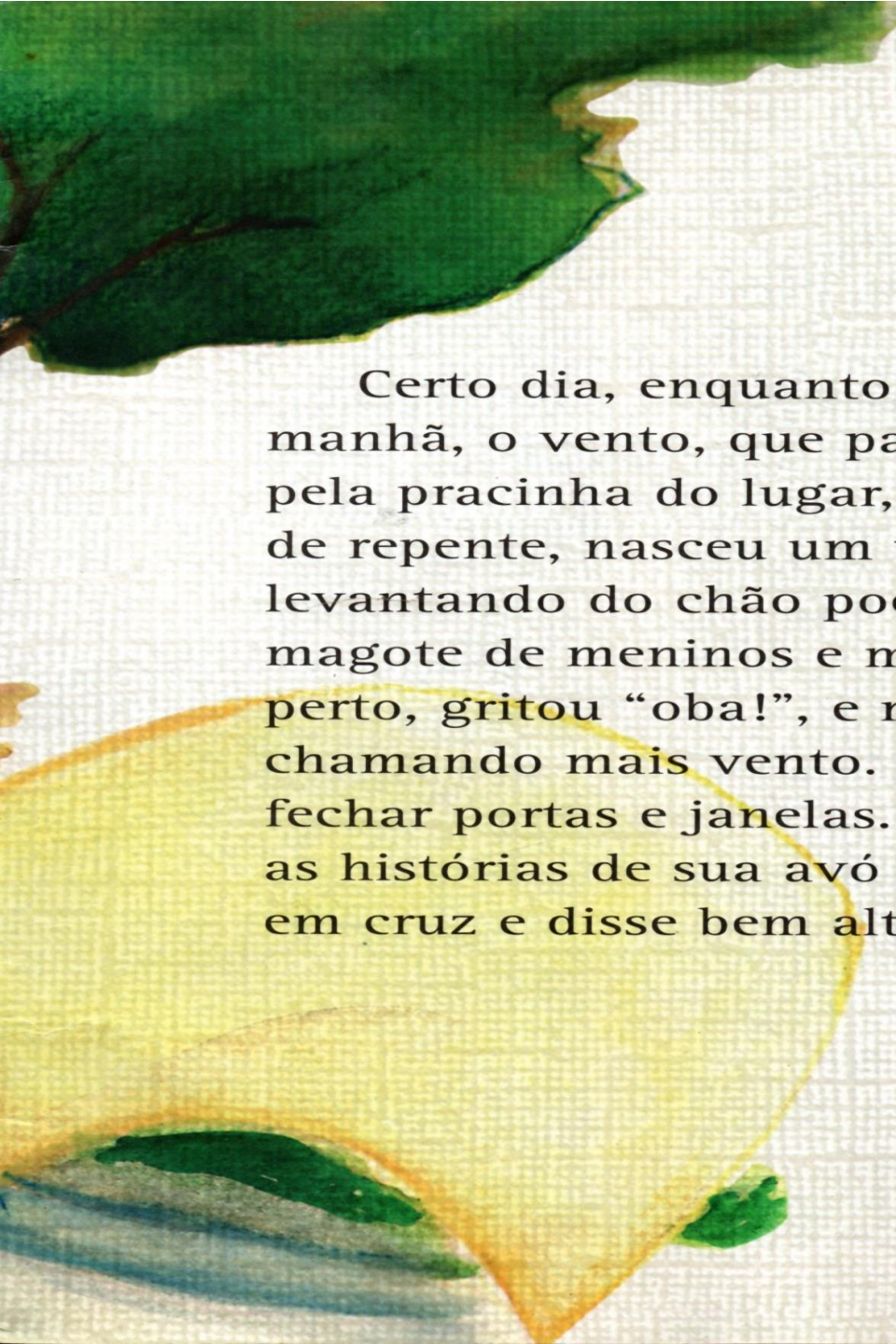


GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Para Terezinha Veras, a Teka, que me ama como a um filho.





Certo dia, enquanto o sol iluminava a manhã, o vento, que passeava tranquilamente pela pracinha do lugar, deu uma rabiçaca e, de repente, nasceu um tremendo redemunho, levantando do chão poeira, palha e papel. Um magote de meninos e meninas, brincando ali perto, gritou “oba!”, e muitos ainda assoviaram, chamando mais vento. Mulheres correram para fechar portas e janelas. Dona Maria, lembrando as histórias de sua avó Filomena, juntou os dedos em cruz e disse bem alto: “Cruz, cruz, cruz!”

Mas o redemunho pouco caso fez do
esconjuro de dona Maria. Deu meia-volta,
arreprou os cabelos da menina Manu, passou
rente aos sapatos, de bico vermelho, do palhaço
Alegria e só esbarrou quando bateu de frente
na lona do Circo Retalhos, armado ali no meio
da praça. Então, ele escorreu de leve pela
saia rodada de Mocinha, perdeu força e se
desmanchou no chão, espalhando ao redor
cisco e sujeira.



Mocinha, porém, nem se abalou. Apenas abriu e fechou seus longos cílios dourados e sorriu, achando engraçado o rebuliço que o redemunho causou. Abriu sobre sua cabeça, de cabelos cor do céu, uma sombrinha pequenina, toda colorida de arco-íris, e se preparou para seu passeio de todas as manhãs, quando se juntava às crianças do lugar e contava e ouvia mil histórias. Mas ao dar o primeiro passo — Opa! —, sentiu alguma coisa grudada no seu sapato de lacinhos vermelhos. Era um papel amarelado, todo amarrotado, um pouco sujo, meio rasgado, na certa trazido pelo redemunho. Nele se lia, em letras grandes e gastas:



TODO BRINQUEDO
PEDE UMA CRIANÇA,
NÃO DEIXE O
SEU LARGADO
NUM CANTO!



Ora, se havia por aquelas bandas alguém que tinha brinquedos, pode ter certeza que era Mocinha. Tinha para mais de trinta! Juntados, ao longo de muitos anos, como contadora de histórias do Circo Retalhos. Todos espalhados pela sua tenda — em cima da cama, ao pé da espreguiçadeira, dentro da mala... Deles sozinhos, como se estivessem perdidos.





Deles, porém, aos montes, pareciam estar em uma festa, uma algazarra! E tinha aqueles que, ao longo dos muitos anos juntos, acabaram naturalmente formando pares, como se tivessem virado amigos inseparáveis. Desde então, apesar de todas as arrumações e mudanças, não havia jeito desses pares se separarem.

O certo — e ninguém pode duvidar disso — é que Mocinha amava cada um de seus brinquedos. Tanto, tanto, que jamais sequer pensou em se desfazer de qualquer um deles. Para ela, cada brinquedo seu era único, insubstituível. Mas, naquele momento, com aquele papel em suas mãos, era obrigada a reconhecer que já não brincava com todos eles com a mesma frequência. Com uma pontinha de tristeza, Mocinha sabia que tinha brinquedo com o qual não brincava fazia muito, muito, muito tempo. Foi aí que ela tomou uma decisão. Chamou o palhaço Alegria e disse:

— Alegria, vamos pegar a metade dos meus brinquedos e fazer uma doação.



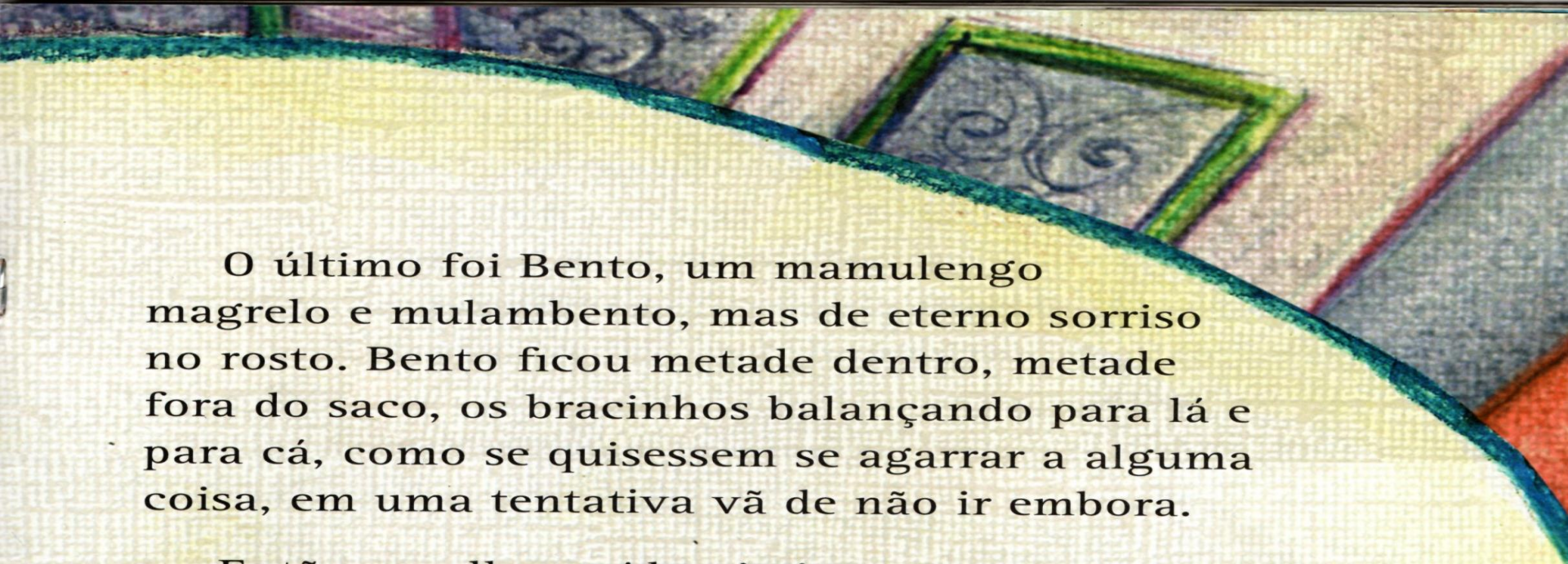
Foi dizendo e já foi fazendo. Pegou logo Raimundo, seu velho e gasto vaqueiro de barro, trajado de gibão, peitoral e perneira, luvas, botas e chapéu, arrancou-o da solidão em que vivia escorado em uma estaca do Circo Retalhos e o botou em um saco. Para dentro do mesmo saco, empurrou Gestrudes, sua gata maracajá de pano amarelo com pintinhas pretas, e Ambrósio, seu carrinho de lata de óleo *Pajeú*. E depois outro, e outro, e mais outro, enchendo até a boca o saco de brinquedos.







22/11/16
ENEF 230P MARIA DE LUIZ
RUA 450 230V 800 ALICONESE
RECONHECIDO PELO FARECER N. 412/16
VALIDO ATÉ 31/12/2020



O último foi Bento, um mamulengo magrelo e mulambento, mas de eterno sorriso no rosto. Bento ficou metade dentro, metade fora do saco, os bracinhos balançando para lá e para cá, como se quisessem se agarrar a alguma coisa, em uma tentativa vã de não ir embora.

Então o palhaço Alegria jogou o saco nas costas e saiu gritando pela rua, uma renca de meninos e meninas respondendo atrás:

Hoje tem espetáculo?

Tem sim, senhor!

Tem faz de conta e magia?

Tem sim, senhor!

Tem perna de pau e alegria?

Tem sim, senhor!

E o palhaço o que é?

É cheirador de chulé!

Não deu uma semana, e coisas estranhas começaram a acontecer na tenda de Mocinha. Beatriz, sua linda marionete negra, cabelo grande trançado, grandes brincos de aro nas orelhas, lábios pintados de vermelho vivo e roupa muito colorida, de repente, sem ver nem pra quê, arrumou de perder o brilho.

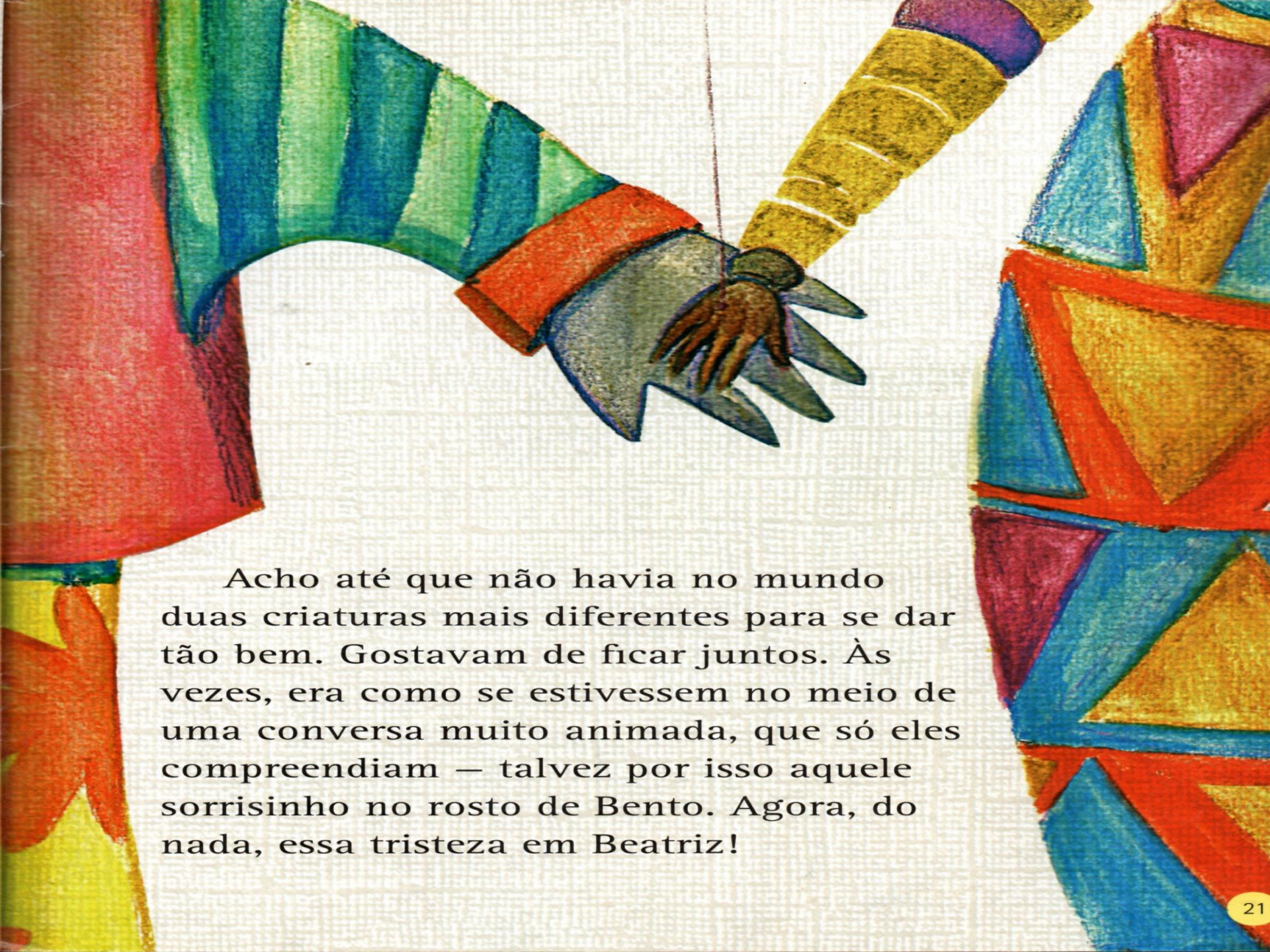




Sua pele de ébano começou a ficar cinzenta, os cabelos a caírem. Uma manhã, foi encontrada na saída do circo, a roupa toda suja, faltando um brinco. Limpa e arrumada, na manhã seguinte, lá estava ela novamente na entrada do circo, suja e desgrenhada, como se tivesse passado a noite correndo todas as ruas da cidade. Com certeza, Beatriz procurava alguém.

Foi então que Mocinha se lembrou que Beatriz era carne e unha com Bento, aquele mamulengo magricelo que ela tinha doado dias atrás. Um sempre ao lado do outro: ela, muito faceira e elegante, alta, esbelta e cheia de dengo; ele, aquele sujeitinho raquítico, acanhado, quase somente pano.





Acho até que não havia no mundo duas criaturas mais diferentes para se dar tão bem. Gostavam de ficar juntos. Às vezes, era como se estivessem no meio de uma conversa muito animada, que só eles compreendiam — talvez por isso aquele sorrisinho no rosto de Bento. Agora, do nada, essa tristeza em Beatriz!

Achando que fosse apenas falta de companhia, Mocinha deu de sair com Beatriz. Se ia à praça, brincar com seus amigos, lá ia também Beatriz. Se no finalzinho da tarde ia ver o pôr do sol e o nascimento das primeiras estrelas, também ia Beatriz. Na feira, no banho de rio, na visita aos vizinhos, só ia se levasse Beatriz. Mas nada de Beatriz se animar. Até piorava. Foi quando Mocinha percebeu que partes do corpo negro de Beatriz estavam ficando transparentes. Que susto: Beatriz estava desaparecendo!





Aperreada, Mocinha encarregou Alegria de trazer de volta o boneco Bento. Só que o palhaço lembrava exatamente onde deixara cada brinquedo, menos o Bento. Como ia balançando, meio dentro, meio fora do saco, talvez tivesse caído, na certa se perdera no meio de alguma rua. Se ninguém o pegou, arrisca ter virado lixo.

Desesperada, Mocinha fez cartazes de “Procura-se” e os espalhou por todos os postes da cidade. Não satisfeita, botou chamada no rádio, pagou carro de som para sair pelas ruas, anunciando recompensa pelo mamulengo desaparecido. E nada. Nem notícia.



Certo dia, quando estava quase sem esperanças, Mocinha recebeu a visita da menina Manu. Agarrada à mão de um Bento maltratado, descosendo-se em alguns pontos, a menina chorava que fungava. Ela tinha encontrado o boneco abandonado na rua, lavou, cuidou, deu carinho... Mas, mesmo assim, sentia-se uma tristeza crescer dentro dele. Da noite para o dia, ele aparecia faltando uma parte: um botão da roupa, uma pintura no olho, um pedaço do sorriso. Foi quando soube que procuravam um boneco tal e qual. Pelo bem-querer, Manu o trazia, na tentativa de que ficasse bom da saudade e voltasse a sorrir de novo.





Mocinha deu pulinhos de alegria. Correu para pegar Beatriz e a pôs ao lado de Bento. Na hora, uma transformação maravilhosa aconteceu. Ninguém sabe se por causa de uma réstia do sol, ou se por algum motivo mágico, um brilho tomou conta dos dois e, quase que imediatamente, voltaram a ser como tinham sido a vida inteira juntos — felizes. Mais feliz ficou a menina Manu, que voltou para casa com o Bento em um braço e a Beatriz no outro — para que nunca mais se separassem.



Na manhã seguinte, andava o sol meio distraído, quando de dentro do vento novamente brotou um tremendo redemunho. — Cruz, cruz, cruz! Gritou dona Maria. Meninos correram para cima, adultos, para longe; portas e janelas bateram em um estrondo de mil trovões.







E o danado do redemunho nem aí! Brincou com a branca barba do bode Ioiô, deu um baita susto no gato Bisteca e só esbarrou quando bateu de frente na lona do Circo Retalhos, escorrendo lentamente pela saia rendada de Mocinha, desmanchando-se finalmente em uma linda rosa vermelha. Talvez fosse esse o jeito do deus dos brinquedos dizer: “Obrigado, Mocinha.”





Lourival Veras

Olá! Meu nome é Lourival Veras. Nasci e moro na cidade de Crateús e tenho 55 anos. Sou descendente do glorioso povo Potiguara, do qual herdei o gosto de ouvir e contar histórias. Há vários anos, tenho me dedicado ao trabalho com crianças e adolescentes, desenvolvendo projetos nas áreas do teatro, do livro e da leitura, da música, das artes plásticas, dentre outras. *Bento e Beatriz: amor de brinquedo* é meu terceiro livro infantil, e espero que gostem. Afinal, ler é uma viagem que nunca termina, e jamais cansa.



Nathália Forte

Nasci em Fortaleza, no Ceará. Sou artista plástica, graduada pelo IFCE – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Trabalho com ilustração, artes plásticas, educação e design. Ilustro materiais didáticos para projetos de educação a distância, histórias em quadrinhos educacionais e institucionais, e, principalmente, livros de literatura infantil e juvenil.

Sou apaixonada pelo ato de contar histórias, pelo universo da comunicação visual e pelo potencial da criança de ler e viver o mundo ao seu redor. Além da ilustração, tenho também experiências com música, curadoria de exposições e eventos ligados à ilustração. Pesquiso as memórias da infância, a leitura de imagens e a ilustração no Ceará.



Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



O Governo do Estado do Ceará desenvolve, com os seus 184 municípios, o Programa de Aprendizagem na Idade Certa – **MAIS PAIC**, com o compromisso de garantir e elevar a qualidade e os resultados da educação de suas crianças e seus jovens.

Publicada pela Secretaria da Educação do Estado, através do MAIS PAIC, a **Coleção Paic, Prosa e Poesia**, rica em identidade cultural, reúne narrativas de autores do Ceará que tiveram seus textos selecionados por meio de seleção pública. Esse acervo constitui um estímulo a mais para se ler e contar histórias em sala de aula, garantindo, assim, um letramento competente.

ISBN: 978-85-8171-136-2



9 788581 711362